Diários de viagens e excursões, por Paulo Emílio Vanzolini

Diary of Travels and Excursions by Paulo Emílio Vanzolini

Dione Seripierri[1]

Possui graduação em Biblioteconomia pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1975) e especialização em Administração de Recursos Humanos pelo Instituto Alberto Mesquita Camargo (1984). Atualmente é funcionária da Universidade de São Paulo, Bibliotecária Chefe do Museu de Zoologia da USP. Conheceu o Dr. Vanzolini em agosto de 1982 no início de seu trabalho na Biblioteca do Museu de Zoologia. Foi apresentada pela antiga bibliotecária chefe, Sra. Idelma Freitas, que estava prestes a se aposentar, e supostamente ocuparia o cargo.

Dr. Vanzolini ia todos os dias a Biblioteca e ajudava-me na organização do acervo de livros, pois, naquela época, não tinha entendimento suficiente na área de zoologia. Aos poucos, debaixo de uma autoridade que lhe era nata, foi ganhando minha confiança e entendendo a importância do trabalho na Biblioteca do Museu de Zoologia. "Foi o meu melhor mestre na profissão e na vida."

Pela dedicação à zoologia e atento aos detalhes que percorriam o dia a dia nas viagens, Vanzolini registrava os eventos de maneira peculiar e nos moldes dos registros de antigos viajantes.

Seus diários, por hora depositados na Biblioteca do Museu de Zoologia, sempre foram objetos de atenção em meio ao acervo de livros da Biblioteca de Vanzolini.

O primeiro registro foi de uma viagem para o Acre na data de 21/08/1951. Na época, com 27 anos, descrevia com desenvoltura o número de exemplares coletados e, com certo humor e algumas gírias de época, relatava situações do cotidiano, como pode ser visto nos trechos que seguem:

Assim inicia o dia "5.ix.51" Quarta
Vim para a cidade de Chico Paes, patrão do Amaral. Português magro, de cara ossuda, dentes compridos, olhos no fundo. Careca. Sócio de um cunhado, Zezé, surdo, gorducho baixo, sujo de chinelo e paletó de pijama... não gostei de nenhum, mas foram gentis e deram condução grátis.

4-8.viii.66
"Trabalhando no Bosque, na mata de Utinga, no JPEAH (plantação de seringueira e mata do Mocambo). O Bosque tem 2 grandes vantagens, de visão desimpedida e de marcha silenciosa. Nele se vê bastante Gonatodes humeralis, Anolis punctatus, Plica umbra e Ameiva. Não conseguimos nenhum punctatus vivo, mas adquirimos boa ideia de sua ecologia. Plica umbra idem. Na Utinga nada vimos a ser Tropidurus e Ameiva. Nem Cnemidophorus e nem Kentropix. Menos ainda Anolis. Na plantação

de seringueira vimos bastante Mabuya no chão e um Anolis ortonii na árvore. No Mocambo nada. Encomendamos lagartos à turma da Utinga. Vi uma enormidade de Tropidurus e Ameiva, mas alguma coisa boa: Kentropix, Mabuya, jacareana, Plica umbra, tamacuaré. Mandamos uma remessa pela Pan American, o que nos deu um trabalho danado."

Viajando e excursionando pelo interior do Brasil muitas vezes em lombo de burro, alimentando-se de carne de caça, dormindo em cabana, sempre com ótima disposição e prazer imenso pelo que fazia, considerava um dia de sorte quando voltava ao acampamento com muitos exemplares coletados.

A vida do cientista segue nos Diários com riqueza de detalhes que servem à ciência e ao deleite dos amantes de uma surpreendente leitura.

O último relato das 91 viagens e excursões deu-se em 2003, estado do Piauí, cidade de Engenheiro Dodt.

Os 12 volumes, agora pertencentes à Biblioteca do Museu de Zoologia, permitem traçar a rota dos locais percorridos por Vanzolini, de 1951 a 2003, como segue:

Acre, 1951; Mato Grosso, 1954; Maranhão, 1955; Iporanga, 1955; Mato Grosso, 1958; Pará, 1958; Serra da Piedade, 1961; Caraguatatuba, 1962; Bahia, 1962; Norte, 1963; Estado do Rio, 1963; Ilha de Búzios, 1963; Pará, 1964; Ilha Vitória, 1964; NW Minas, 1964; Xingu, 1965; Pará, 1965; Bahia, 1965; Belem-São Paulo, 1966; Amazônia, 1966; Espírito Santo, 1966; Araguaia, 1966; Amazonas (EPA), EPA, 1966-67; EPA, 1968, 1969, 70; Acre, 1971; Pernambuco, 1971; EPA, x-xi.1971; EPA, 1971-1972; Ceará, 1972; EPA, 1972; Acre, 1973; Purus, xi.74-i.75; Piauí, 1975; Jamaica, 1975; Minas Gerais, 1975; EPA Madeira x-xii.75; Itatiaia, 28.iii.76; Nordeste, iv.76; Fonteboa, vii.76; Exu, xi.76; Mato Grosso, xii.76, Nordeste, vi.77; Aripuanã, vi.77; Manaus, vii.77; Japurá, 1977; Sergipe, iii.78; Acre, xii.78-i.79; Nordeste iv-v.79; Estado do Rio xii.79; Bahia i-ii.80; Tucuruí vii.80; Minas – Bahia, ix.80; Ecuador xi.80; Caparaó xi-xii.80; Ilha de Maracá vi.81; Serra do Navio

viii.82; Boca do Japurá vii.83; Rondônia, xi-xii.83; Rio Japurá, ii.1984; Polonoroeste, 1984; Rondônia, vii.1985; Altamira, 1986; Xingu, 1986; Roraima, vii.1984; Jequitaí – MG, x.88; Alto Araguaia, iii.89; Flores de Goiás, vii.89; Roraima, vii.89; Ilha do Cardoso, SP, x.89; Rio Tocantins (Serra Quebrada), x.89; Boa Vista, Manaus – Boa Vista, xii.89; Fazenda Intervales, SP, i.90; Santa Maria do Boiaçu, Rr, vii-viii.90; Tijuco Alto, Pr, ii.91; Santa Maria do Boiaçu, Rr, iv-v.91; Rio Paraná (MS), xi.92; Tepequém, vi.93; MS (Fazenda Santa Clara), viii-ix.93; Maranhão, vii.95; Maranhão, ix.x.95; Aripuanã, MT, x-xi-96; Apiacás, MT, ii.97; Palmas, TO, iii.97; Claudia, MT, iv.97; São José do Rio Claro, MT, vi.97; Claudia, MT, vii.97; Chaco, xi.97; Engenheiro Dodt, PI, xi.2003.